Revista A Cor das Letras

Revista Digital dos Programas de
Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS
Feira de Santana, v. 23, n. 3, p. 233-248, setembro-dezembro de 2022

http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index

10.13102/cl.v22i2.5753

Mediação de leitura no ensino médio: por um diálogo entre literatura, linguagem e sociedade

Reading mediation in high school: for a dialogue between literature, language and society

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima*
Universidade Estadual de Goiás
Goiás, Goiás, Brasil

Leidianne da Silva Moreira Fagundes*
Universidade Estadual de Goiás
Goiás, Goiás, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como finalidade apresentar uma proposta de mediação de leitura de obras literárias, para o Ensino Médio, cujos procedimentos perscrutam os sentidos produzidos no primeiro capítulo do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2012), e no conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de Bernardo Élis (1975). Este trabalho é um recorte de uma pesquisa realizada com alunos do Ensino Médio no ano de 2017, em uma escola pública do interior de Goiás, por meio da qual procuramos analisar as vozes dos narradores e personagens, marcadas por variações linguísticas e escolhas lexicais remissivas à seca do Nordeste e à cheia do Centro-Oeste. Buscamos na perspectiva Sociolinguística entender algumas noções que traduzem a relação entre sujeito, língua e sociedade instaurando um diálogo com a Literatura. Como metodologia de trabalho, a proposta é de uma pesquisa-ação em sala de aula, em que os alunos, de maneira integrada, leem e discutem ambas as obras e, como resultado, participam de uma roda de conversas sobre as análises e leituras realizadas. Nesse processo, aplicamos um questionário, perguntando a esses leitores questões sobre as aproximações e distanciamentos semânticos entre as obras estudadas, e sobre a contribuição para a realização de uma leitura crítica sobre o entendimento das devidas narrativas.

Palavras-chave: Leitura. Linguagem. Literatura. Ensino.

Abstract: The purpose of this article is to present a proposal for the mediation of reading literary works for high school, whose procedures examine the meanings produced in the first chapter of the novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos (2012), and in the short story *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, by Bernardo Élis (1975). This work is an excerpt from a research carried out with high school students in 2017, in a public school in the interior of Goiás, through which we sought to analyze the voices of the narrators and characters, marked by linguistic variations and lexical choices referring to Northeast and the Midwest. We seek in the Sociolinguistic perspective to understand some notions that translate the relationship between subject, language and society by establishing a dialogue with Literature. As a work methodology, the proposal is an action research in the classroom, in which students, in an integrated manner, read and discuss both works and, as a result, participate in a round of conversations about the analyzes and readings carried out . In this process, we applied a questionnaire, asking these readers questions about the semantic approximations and distances between the works studied, and about the contribution to the achievement of a critical reading about the understanding of the appropriate narratives.

Keywords: Reading. Language. Literature. Teaching.

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: ffpalima@uol.com.br.
* Graduada em letras e professora da educação básica. E-mail: fernanda.almeida@ueg.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um estudo linguístico e literário comparativo entre as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2012), e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de Bernardo Élis (1975), e observa como se constroem os campos semânticos da seca, da cheia e as significações que deles emanam à luz da perspectiva teórica da Sociolinguística variacionista. Nos textos, estão presentes aspectos que aproximam e distanciam as obras quanto ao seu sentido: de um lado temos a seca no Nordeste, de outro a cheia no Centro-Oeste. Para produzirmos esse estudo, realizamos a leitura das obras supracitadas com os alunos de uma sala de aula da 3ª série do ensino médio de uma escola pública goiana, a partir de uma pesquisa-ação, com o objetivo de aplicar a análise aqui apresentada e mostrar como é possível levar problematizações e observações para a prática em sala de aula, ratificando o possível diálogo entre teoria e prática no ensino de língua e literatura.

Neste sentido, para a produção deste artigo e pelas exigências e limites que se impõem à composição estrutural desse gênero, analisamos em *Vidas Secas* (2012) apenas o primeiro capítulo, intitulado *Mudança*, e o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (1975). Nestas obras, observamos, em especial, as escolhas linguísticas usadas pelos autores para caracterizar as falas de suas personagens que, de certo modo, remetem à sociedade a que pertencem e traduzem seus costumes cotidianos, sua cultura, identidade e territorialidade.

A metodologia adotada para a construção deste trabalho foi a pesquisa-ação, conforme explicamos no resumo inicial, apoiada em uma abordagem de cunho qualitativo e acompanhada de uma revisão bibliográfica que buscou, em diferentes autores, embasamento teórico para desenvolver o que propomos. Neste sentido, fundamentamos a discussão em Bosi (2006), Soares (2000), Faraco (2007), Camacho (2013), entre outros autores, que alicerçaram os conceitos e a reflexão que tentamos construir.

Para efetivar esse trabalho junto aos alunos, após realizarmos a leitura em sala de aula de modo conjunto, aplicamos um questionário, perguntando-lhes a respeito da leitura realizada. Indagamo-los sobre o gênero narrativo, os sentidos que eles interpretaram nos textos lidos e sobre as variações linguísticas que marcavam as falas das personagens. Com base nos direcionamentos do questionário, inevitavelmente, eles apresentaram em suas respostas algumas diferenças e semelhanças que observaram nas obras trabalhadas. Poderíamos nos deter nessa reflexão em diferentes passagens de cada obra. Porém, isso excederia a finalidade do presente artigo.

Esclarecemos que não objetivamos analisar dados exaustivos sobre as temáticas das obras que nos levem a problematizações maiores. Nosso objetivo é apresentar um estudo realizado em sala de aula do ensino médio que tentou convocar e provocar os alunos a lerem criticamente, entendendo as construções de sentidos que se produzem em cada texto, em cada narrativa. Com isso, observamos como o discurso literário constrói a história e os significados que traduzem a sociedade, o sujeito e os seus territórios.

2 O OLHAR PLURAL SOBRE O SUJEITO E O TERRITÓRIO: GRACILIANO RAMOS E BERNARDO ÉLIS

O fim da Semana de Arte Moderna, em 1922, lançou o Modernismo ao seu apogeu. O movimento literário brasileiro modernista divulgou o Brasil projetando-o sobre as raízes e a cultura heterogênea do seu povo. Conforme atesta Gregolin (2007, p. 60), o Modernismo trouxe a oralidade e a diversidade linguística para dentro da literatura, mostrando que elas são dignas de entrarem na morada do texto literário". Os autores, defensores de uma visão nacionalista, criticavam a realidade brasileira com a finalidade de denunciar com total engajamento artístico e, principalmente, político, os problemas sociais enfrentados pela população de massa.

Graciliano Ramos e Bernardo Élis não fugiram à regra de uma nacionalidade que emergia na fala do povo brasileiro, pois ambos mostraram em suas obras condições sofridas de vidas, enfrentadas por seus personagens, nos respectivos territórios de onde enunciavam suas ficções. Gregolin (loc. cit.) reitera que a literatura modernista "adiantava – em 40 anos – as teses que a teoria linguística iria trazer, a partir dos anos 1960, para o ensino de língua. Isso mostra o caráter visionário da literatura, atenta ao saboroso falar do povo, atenta à diversidade que caracteriza o uso das formas linguísticas". Nesses termos, a obra literária produz sentidos e inscreve em seus efeitos uma história ou muitas histórias que registram a existência de um povo e de seu cotidiano. Isso nos leva a uma grande fonte de informações, contextualmente fictícias, em que emergem algumas vozes silenciadas na realidade. Nessas condições, entram em cena as identidades sociais e territoriais dos cenários que simbolizam o espaço geográfico em *Vidas Secas* (2012) e em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (1975). São notáveis as discrepâncias no campo semântico, por pertencerem a territorialidades distintas entre si.

É do território que emergem as falas mobilizadas pela aridez ou pela enchente, veiculadas por personagens-produtos de uma seca ou de uma cheia. As falas fluem como a água ou se tornam insípidas, rudes, causticantes como um improdutivo. "O território identifica, norteia, classifica e, nessa e por essa ordem, é também discurso, é produto de discursividade, porque enuncia em uma dada regularidade seus sentidos e seus sujeitos". (LIMA, MONTEIRO, BARRETO, 2017, p. 37). Fabiano e Nhola são personagens de um Brasil heterogêneo, com regiões e climas distintos, um país culturalmente diverso marcado por problemas de ordem política e social. Eles estampam em suas falas, em seus gestos e silêncios, os reveses que emanam dos seus lugares e das dificuldades pelas quais passavam.

Bosi (1936, p. 402) retrata o campo semântico de *Vidas Secas* como um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza. Podemos notar na obra os problemas sociais enfrentados pelas personagens; e o "herói" sempre está arraigado em problemas, por não aceitar o mundo, as pessoas ou até mesmo por não se aceitar. No primeiro capítulo, *Mudança,* o autor apresenta-nos Fabiano, uma mulher, seus filhos e uma cachorra, tangidos pela seca. De acordo com Bosi (2006, p. 403), a "rejeição assume dimensões naturais, cósmicas, à história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem", a miséria, a seca e a sub-humana condição de

vida. Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, a narrativa é estruturada em uma noite chuvosa e a família dos "Anjos", moradores de um casebre na foz do Capivari, no rio Corumbá, vive os tempos de cheia que é bem retratada no desenrolar do conto literário.

Logo, notamos nas obras analisadas uma menção ao lugar geográfico sobre sentidos que definem identidades territoriais, ou seja, são traduções de sociedade, sujeito, territorialidade e de seus estereótipos. O conto de Bernardo Élis (1975) faz menção ao rio goiano Corumbá, e a obra de Graciliano Ramos (2012) ao sertão nordestino. Na medida em que as narrativas transcorrem, os discursos forjam seus sentidos, administram suas possíveis realidades e realimentam suas imagens entre a secura de Fabiano e a fluidez de Quelemente.

3 ENTRE CAMPOS SEMÂNTICOS DIFERENCIADOS: LEITURAS DE IDENTIDADES LINGUÍSTICAS E TERRITORIALIDADES

Vários autores linguistas do século XX seguiram a tradição de relacionar língua, cultura e sociedade. O principal objeto da Sociolinguística é a diversidade linguística, pois é uma teoria que estuda a relação existente entre língua e sociedade. Somente a partir de 1960 que se tornou uma disciplina, com as ideias do norte-americando William Labov. Com o objetivo de analisar teoricamente as variedades linguísticas utilizadas pelos sujeitos em uma sociedade, Labov deu sua singular contribuição aos estudos linguísticos. Segundo Alkimin (2012, p. 21), "linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável" e, por esse motivo, o sujeito, ao falar, mostra sua região, sua cultura, seu lugar social, sua identidade. Neste sentido, podemos admitir que toda língua é produto de uma heterogeneidade sócio-cultural e histórica e enuncia os sujeitos e sua territorialidade.

Em um excerto do primeiro capítulo de *Vidas Secas* (2012), percebemos a presença de variações e regionalismos, palavras que nos mostram sobre a cultura da região que se enuncia.

> O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. [...] A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. – Anda, excomungado. (RAMOS, 2012, p. 9-10).

Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (1975), há fortes traços regionais da linguagem goiana, como demonstra o excerto abaixo:

> – Este ano, se Deus ajudá, nóis se muda. Há quarenta anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido: "– Nóis precisa de mudá, pruquê senão a água leva nóis". Ele morreu de maleita e os outros continuaram no lugar. Depois era o filho

> que falava assim, mas nunca se mudara. Casara-se ali: tivera um filho; a mulher dele, nora de Nhola, morreu de maleita. E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado. (ÉLIS, 1975, p. 5)

Algumas variações das falas nos trechos acima, como: *Anda, condenado do diabo*, *Anda, excomungado*, assinalam uma fala embrutecida de Fabiano, agregando sentidos à aridez do solo, descrito entre as ossadas e o voo dos urubus, e à (des)esperança da vida. A menção à bainha da faca transmite a ideia de que esse instrumento tem seu pertencimento, ele é do homem nordestino, é sua arma, é seu escape e escudo e é também sua metáfora. Albuquerque Jr. (2009, p. 44), de modo singular, entende a metáfora como sendo uma forma de "comunicar o 'real' em sua complexidade de significação, que nos fala da impossibilidade do conhecimento do mundo somente por meio do conhecimento empírico ou conceitual". Sabemos que remeter peixeira, faca, facão a nordeste é uma regularidade no discurso literário. Conforme podemos perceber, no poema *Uma faca só lâmina*, de João Cabral de Melo Neto[1], a faca é parte da anatomia humana nordestina: *Assim como uma faca / que sem bolso ou bainha / se transformasse em parte / de vossa anatomia*. No romance, a "macheza" e a "rudeza" dos personagens enunciam seu pertencimento àquela terra, a faca tem o seu protagonismo e lança sua voz e o seu dono na cena árida e hostil do sertão.

Já nas passagens – *Este ano [...] nóis se muda*, *nóis precisa de mudá, pruquê [...]*, as falas são mais amenas, a expressão *se Deus ajudá* atenua o desespero, e a espera da mudança flui um pouco mais. Isso indicia que o tempo é chuvoso, não há sol causticante, não há "cabeça quente" e nem desespero. As variações são marcadas pelo desvio da concordância entre sujeito no plural e verbo no singular, bem como pelo apagamento do "r" do verbo no infinitivo e pelo seu acréscimo à palavra *porque*, transformada em *pruquê*. Esses são regionalismos comuns de se encontrar no interior do país. Demarcam não apenas uma região, mas o dialeto "caipira" de um povo interiorano, que vive nas zonas rurais do Brasil, imiscuídos e resguardados nas entranhas desconhecidas de sua terra e de sua historicidade.

Para Benveniste (1995, p. 30-31), "língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outra são apreendidas pelo ser humano". Logo, sociedade e língua se inter-relacionam, o que explica o histórico fenômeno da diversidade linguística e cultural dos sujeitos situados na sociedade. É por meio da língua que podemos descrever ou interpretar tanto a natureza quanto a experiência do sujeito em seu contexto econômico e social. "A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura" (BENVENISTE, 1995, p. 32). E é nos símbolos convencionais, forjados nas relações sociais e culturais dos sujeitos, que as variações ganham sentidos atrelados às regiões e às culturas às quais pertencem. O papel da Sociolinguística é estudar a língua integrada à dinamicidade e à diversidade da sociedade.

[1] Disponível em: http://contobrasileiro.com.br/uma-faca-so-lamina-poema-de-joao-cabral-de-melo-neto/. Acesso em: 20 set. 2019.

Camacho (2012, p. 50) explica que a Sociolinguística correlaciona as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares. Nesse sentido, a Sociolinguística passa a desempenhar um papel primordial nas salas de aulas no que se refere à ressignificação da valorização das variações linguísticas trazidas nas obras literárias e nas falas dos próprios alunos. É uma disciplina que tenta quebrar a barreira do preconceito e a exclusão na escola, uma vez que busca desconstruir a ideia de homogeneidade linguística e as valorações pautadas na tradição normativa gramatical. Régine Robin (1987, p. 51) assinala que "cada língua é uma visão do mundo, uma 'cultura ideológica' total ou parcialmente irredutível aos outros". As obras literárias analisadas reforçam essa tese, uma vez que imprimem na língua de seus personagens o mundo a que pertencem e os efeitos de sentidos que dele emanam.

3.1 *VIDAS SECAS* E *NHOLA DOS ANJOS*: UM OLHAR SOBRE SENTIDOS TERRITORIAIS

O território, sob um ponto de vista político, pode ser entendido como um lugar contextualmente estratificado, no sentido de se considerar um lugar superior a outro, em termos de produção econômica e cultural. Há uma gama de sentidos que permeiam a existência de um dado território e o definem em suas condições históricas. E isso não se deve a razões puramente geográficas, climáticas, agrárias etc., mas às condições econômicas e sociais que lhe dão prestígio e estendem suas valorações aos sujeitos que a ele pertencem. Os sujeitos são seus produtos e o identificam em suas falas, em seus enunciados.

Vidas Secas, romance publicado por Graciliano Ramos em 1938, conta a história de uma família de retirantes nordestinos que tenta fugir da seca. Ao longo da narrativa, o autor enuncia o sertão nordestino, descreve sua planície, fazendo com que o leitor possa compreendê-lo de modo minucioso, traduz a condição de vida das personagens engendrando-lhes uma identidade territorial.

> NA PLANÍCIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. [...] A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. [...] Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. [...] Subiu a ladeira. A aragem morna acudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (RAMOS, 2012, p. 9-12).

Pela descrição do autor, identificamos um ambiente sofrido e castigado pela estiagem, é o cenário árido da seca. Graciliano Ramos teve uma preocupação nas escolhas

lexicais para poder mostrar a sequidão daquela região, como ele próprio descreve no início do capítulo: *uma planície avermelhada*. Este cenário remete à caatinga, cuja vegetação é aberta e característica do semiárido nordestino. O juazeiro dá o seu tom esverdeado à descrição, por ser uma planta resistente às secas e à escassez da água; na descrição, xiquexiques e mandacarus complementam a cena.

Por outro lado, em um movimento oposto, *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*[2], de Bernardo Élis (1975), narra a história da família dos "Anjos" que tenta fugir da cheia. O clã, formado por Quelemente, Nhola dos Anjos e o seu neto, busca escapar da ameaça da cheia. A narrativa se estrutura em uma noite chuvosa. Eles moravam em um casebre em Corumbá de Goiás, dentro de um terreno triangular, onde por dois lados passava um rio de correnteza muito forte e, do outro lado, havia uma várzea, que não se podia atravessar durante as enchentes. Quelemente promete para a família que eles irão se mudar, mas a sua mãe já ouve aquela promessa há 40 anos. Antes era o marido, que morrera de maleita, agora é o filho que promete a mudança. Ele tinha uma esposa, mas a perdeu para a maleita. Com as chuvas incessantes, o rio começa a encher e Nhola dos Anjos pede para seu neto que faça olhos de boi para vir a bonança.

> O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfincou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole — outra e mais outra. Três círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero. (ÉLIS, 1975, p. 3).

Bernardo Élis (1975) também se preocupou com as escolhas lexicais para poder retratar o espaço caracterizado pela cheia ao descrever que "o menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada". Ali, supostamente, estava chovendo há dias, pois o menino enfinca o calcanhar na lama e faz três círculos no chão mole, para poder estiar segundo a superstição da sua avó.

No capítulo *Mudança*, de *Vidas secas* (2012), Sinhá Vitória, o filho mais novo, o filho mais velho, a cachorra Baleia e Fabiano estão à procura de um lugar melhor para viverem, longe da fome, da seca e da miséria. Mas esse lugar é desconhecido. A família dos "Anjos" também procura outro lugar para viver, mas não há um rumo certo. Os rumos são indefinidos pela seca e pela cheia, como a sua natureza e os seus porquês, são destinos desconhecidos a serem explorados. Os animais de cada grupo também agregam sentidos às famílias a que pertencem, foram personificados e ganharam nomes. Baleia em *Vidas Seca*s assume uma posição ativa na ajuda à sobrevivência; e Chulinho, o cachorro de *Nhola dos Anjos*, aparece somente no início do conto e é deixado para trás quando a família foge na jangada, seu abandono já assinala o desespero da fuga.

[2] *Disponível em: http://contobrasileiro.com.br/nhola-dos-anjos-e-a-cheia-do-corumba-conto-de bernardo-elis/. Acesso em: 02 fev. 2019.*

Ambas as obras possuem traços linguísticos que marcam suas identidades regionais. O emprego de *fais*, *zóio*, *nóis*, *ajudá*, *qué*, *mudá*, *pruquê* etc. constitui uma sequência de variações que identificam regionalismos, seus sujeitos falantes e sua condição de vida. Em *Vidas Secas* (2012), o autor também teve essa preocupação em detalhar minuciosamente as personagens por meio do emprego linguístico de *cambaio*, *rês*, *vaquejadas*, *alpercatas*, *molambos*, *bolandeira* etc. A linguagem é marcada por dialetos que remetem também à cultura do lugar de onde são enunciados. As fugas de ambas as famílias entrelaçam interdiscursivamente as obras e a sua linguagem reforça a identidade regional, produzida em um campo semântico que ratifica as condições ideológicas, sociais e históricas de seus personagens situados territorialmente.

O final do primeiro capítulo de *Vidas Secas* indicia a esperança ao apresentar uma fazenda no meio do sofrido caminho da família de Fabiano e Sinhá Vitória.

> Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de Sinhá Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde. Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E, como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir. (RAMOS, 2012, p. 16).

O narrador diz: *Uma ressurreição*, talvez, como remissão a uma vida que já não existia. Na seca havia morte, eles estavam vivos, mas sem condições de existência que os dignificassem. Não lhes pertencia a vida, o que se lhes garantia naquele árido caminho era a morte. O desfecho do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* segue também enfatizando a morte da família de Nhola na enchente do rio.

> A velha debatia-se, presa ainda à jangada por uma mão, despendendo esforços impossíveis por subir novamente para os buritis. [...] O choque com o tronco de árvore havia arrebentado os atilhos e metade dos buritis havia-se desligado e rodado. A velha não podia subir, sob pena de irem todos para o fundo. Ali já não cabia ninguém. Era o rio que reclamava uma vítima. [...] Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola. Ela afundou-se para tornar a aparecer, presa ainda à borda da jangada, os olhos fuzilando numa expressão de incompreensão e terror espantado. Novo coice melhor aplicado e um tufo d'água espirrou no escuro. (ÉLIS, 1975, p. 8).

A cheia devora a família, eles são submersos pela correnteza, a água os faz lutarem pela sobrevivência e corrompe suas ações e, assim como a seca, embrutece seu personagem, quando Quelemente dá um *coice* em sua mãe para a morte. Nessa busca pela vida, entre a seca e a cheia, a dessensibilização do sujeito prevalece.

4 LINGUAGEM, LITERATURA E ENSINO

No trabalho que realizamos em sala de aula, discutimos sobre os regionalismos mobilizados em ambas as obras, na tentativa de refletirmos sobre a relação entre linguagem, sujeito, território e sociedade. A finalidade, neste aspecto, seria estender a discussão para a questão do preconceito linguístico. Com isso, tínhamos um amplo leque temático para refletirmos, o que, de certo modo, possibilitou um estudo interdisciplinar entre o percurso da leitura, a interpretação e análise da linguagem em uma perspectiva discursiva e sociolinguística. Com isso, inevitavelmente, ao refletirmos sobre as variações que atravessam o percurso das narrativas, conversamos sobre a discriminação que acomete os sujeitos que apresentam em suas falas marcas de variações linguísticas, sejam de ordem regional ou social.

A cultura da discriminação faz com que as falas sejam estereotipadas, principalmente nas classes econômicas menos favorecidas. Geralmente, quando o sujeito apresenta variações linguísticas em sua fala vira motivo de piada; em sala de aula, ainda é bastante comum observarmos alunos que sofrem com o sotaque que carregam, principalmente, quando vêm da zona rural ou de uma região diferente da que eles moram. Até onde sabemos, os livros didáticos ainda tratam esse tema com reservas e, com isso, pouco contribuem para amenizar o preconceito linguístico.

Ao consultarmos o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para 2018, especificamente no que concerne às resenhas dos livros aprovados de Língua Portuguesa para serem adotados no ensino médio, observamos que são recorrentes, quando se trata de uma "Visão Geral" das obras analisadas, as seguintes considerações:

> [...] Além disso, raras são as propostas de reflexão aprofundada sobre sexualidade, relações de gêneros e **variações linguísticas**. Serão necessárias, portanto, atenção às estratégias pedagógicas complementares para promover a formação do estudante também nesses campos de conhecimentos (BRASIL, PNLD, 2017, p. 19. Grifos nossos).

> [...] Também não se propõe debate aprofundado sobre sexualidade, relações de gêneros e **variações linguísticas**. As questões propostas nem sempre abordam aspectos socioculturais e ideológicos presentes em toda prática de escrita, assim como não contemplam os espaços de produção digitais e virtuais. (BRASIL, PNLD, 2017, p. 21. Grifos nossos).

> [...] Percebe-se a existência de reflexões sobre **variações e usos da língua**, o que pode colaborar significativamente para o desenvolvimento da linguagem oral do estudante. (BRASIL, PNLD, 2017, p. 28. Grifos nossos).

> [...] No âmbito dos Conhecimentos Linguísticos, é importante promover atividades que explorem **dimensões sociolinguísticas (variações dialetais e de registro)** [...]. (BRASIL, PNLD, 2017, p. 41. Grifos nossos).

> [...] O material pode, contudo, ganhar maior densidade se o professor agregar alguns textos, exercícios, e oportunizar a reflexão sobre as **variedades linguísticas**, de modo a que os estudantes possam verificar que as **variações não ocorrem por "desvio do padrão", uma vez que o próprio padrão é uma variedade**. (BRASIL, PNLD, 2017, p. 52. Grifos nossos).

Neste sentido, explorar o tema da variação linguística em sala de aula ainda é um desafio, pois os livros didáticos não mobilizam essa discussão na ordem de seus textos e reflexões ou, se a instauram, não a exploram, conforme observamos nas resenhas acima do PNLD/2018. Com isso, perpetuam-se de modo equivocado discussões que associam variações linguísticas a piadas, ao humor, promovendo uma regularidade de estereótipos relacionados à língua e ao preconceito linguístico. Faraco (2007, p. 46) ressalta que não se deve dar um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; é necessário que se localizem adequadamente os fatos da norma culta no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que pressupõem; que se abandone criticamente o cultivo da norma-padrão e que se estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação.

Percebemos que, muitas vezes, a diversidade da língua é ignorada pelo professor, geralmente, por falta de preparo teórico-metodológico para lidar com essa temática e suas demandas. Com o estudo das obras *Vidas Secas* (2012) e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (1975), discutimos as vozes de seus narradores e instauramos um diálogo com as variações linguísticas e os sentidos que remontam à regionalidade dos seus personagens. Corroboramos, com essa proposta, com uma pedagogia da variação linguística por entendermos que a relação entre linguagem, escola e sociedade deve ser basilar a toda e qualquer prática de ensino de literatura e língua portuguesa.

De acordo com Faraco (2007, p. 41),

> [...] é tarefa fundamental da escola é oferecer aos alunos a insubstituível experiência da literatura, sem, no entanto, descuidar do convívio sistemático com os textos jornalísticos, com os de divulgação cientifica, com os textos argumentativos, enfim com muitos textos que têm ampla circulação sociocultural.

As contribuições teórico-metodológicas da Sociolinguística são inúmeras ao ensino de língua e literatura. Estas servem de base aos estudos de língua portuguesa, principalmente, em uma perspectiva que estabeleça uma relação entre linguagem, sociedade e as práticas sociais que situam seus sujeitos falantes e seus territórios. Assim, além de lermos as obras e discutirmos oralmente seus temas, em uma proposta de mesa-redonda, aplicamos um questionário com os alunos para obtermos um retorno sobre a atividade de leitura realizada.

4.1 UM ESTUDO DE LITERATURA: *VIDAS SECAS* E *NHOLA DOS ANJOS* EM SALA DE AULA

Ao lermos em uma sala de aula da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública de Goiás o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (2012) e o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* de Bernardo Élis (1975), não estávamos em busca de entendermos contradições e discriminações de uma sociedade estratificada em classes e territórios, estávamos igualmente tentando compreender como os dialetos identificados em cada obra possibilitam ao professor discutir fatores históricos, regionais e sociológicos que estão na base do uso da língua. Essa é uma tarefa que a escola precisa assumir e tornar regular, para que o preconceito linguístico seja um problema a menos na sociedade; quanto a isso, a literatura tem seu protagonismo. Para rompermos com a ideia de que existe apenas uma variação correta, defendida pela gramática tradicional, presente nos livros didáticos e comumente estudada em sala de aula, tentamos unir a análise de um discurso literário a um discurso linguisticamente marcado por variações para, em seu esteio, discutirmos o preconceito linguístico.

A fim de complementarmos nosso estudo, utilizamos como instrumento da pesquisa um questionário formulado com 06 (seis) questões subjetivas, aplicado entre os trinta alunos de uma sala de aula da 3ª série do Ensino Médio. A faixa etária desses alunos varia entre 15 e 17 anos de idade. Vejamos as questões apresentadas:

QUESTIONÁRIO[3]

Este questionário pertence ao Artigo intitulado: Vidas Secas e Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá: um diálogo entre ensino de literatura e territorialidade, de autoria da pesquisadora Profa. Leidianne da Silva Moreira Fagundes, sob a orientação da Profa. Fernanda Fernandes Pimenta de A. Lima, no Curso de Pós-Graduação em Linguagem, Cultura e Ensino da Universidade Estadual de Goiás / UnU Inhumas. Ao responder às questões abaixo relacionadas, você contribuirá para o andamento da pesquisa.

Assim, desde já, agradecemos a sua participação e colaboração.

1) Você gostou da leitura dos textos? ( ) Sim ( ) Não
2) Você acredita que a leitura desses textos contribuiu para que você se torne um leitor crítico na sociedade em que vive? Explique.
3) Por meio da leitura dos textos literários, você acredita que eles puderam contribuir para a sua formação pessoal e cultural? Por quê?
4) Você acredita que a mesa redonda sobre os textos lidos contribuiu para um melhor entendimento destes? Comente.
5) Que contribuições os textos literários em estudo trouxeram para a sua aprendizagem?
6) Na sua visão, os métodos utilizados para a leitura dos textos foram eficientes para o estudo de obras literárias? Por quê?

A finalidade do questionário foi obter uma atitude responsiva por parte do aluno a respeito do método de trabalho utilizado para os estudos linguísticos e literários das obras supra-apresentadas.

Para compor a estrutura desta pesquisa, no primeiro instante foi feita uma roda de leitura sobre as obras lidas e, por conseguinte, uma mesa-redonda sobre o romance *Vidas*

[3] Questionário elaborado e aplicado em sala de aula pelas autoras.

Secas e o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*. Com o primeiro, fizemos a análise apenas do primeiro capítulo, para que os alunos discutissem sobre os textos e pudessem posteriormente responder ao questionário aplicado a esse respeito. Em seguida, discutimos os sentidos que definem as identidades territoriais, o campo semântico que marca as escolhas linguísticas nas obras, os sujeitos personagens, sua identidade, região etc. Para facilitar a compreensão dos alunos, foi utilizado o data-show para projetar algumas imagens que contribuíram para uma compreensão semântica das obras e da diversidade linguística que estas convocam.

O professor foi mediador do diálogo entre Graciliano Ramos e Bernardo Élis, mostrando aos alunos que as duas obras, embora pertencentes a regiões discrepantes, podem dialogar entre si quanto a aspectos que retratam a territorialidade e os seus sentidos. Observamos, entre os muitos aspectos das narrativas, como duas famílias de regiões diferentes dialogam pelo viés da fome, da fuga e da sobrevivência. Após toda a análise realizada em sala de aula, tendo como subsídio a teoria sociolinguística para discutir a relação entre linguagem, literatura e sociedade, os alunos fizeram uma apresentação teatral da obra *Vidas Secas*.

Ao finalizarmos essas atividades, aplicamos um questionário entre os alunos sobre o método trabalhado em sala de aula, com os estudos linguístico e literário das obras e sobre a receptividade e efetivação da aprendizagem desse estudo comparativo de leitura entre ambas as obras. Isso consolidou nossa pesquisa-ação enquanto método utilizado. Assim, vejamos adiante os resultados das indagações que fizemos no questionário. Ratificamos que as questões versavam sobre o método de trabalho utilizado em sala de aula, para que tivéssemos um retorno sobre o que propomos e a sua efetivação.

Quando questionados sobre a leitura e sua contribuição para a construção de um olhar crítico sobre a sociedade, todos responderam sim, o que é um aspecto positivo. Isso permitiu constatar que 99% dos alunos aprovaram o método de trabalho utilizado em sala de aula para a explicação das obras literárias citadas. Quando questionados se a leitura dos textos poderia contribuir na formação pessoal, social e cultural, 30 (99%) dos entrevistados disseram que sim, que houve uma contribuição para sua formação pessoal e cultural, como podemos observar nas respostas de alguns alunos.

> ***Aluno A**: Leitura sempre traz conhecimentos. Os textos mostram as diferenças regionais diferentes, tais como o ambiente geográfico e cultural, mas o sofrimento das pessoas pobres são iguais* (sic).

No próximo questionamento, indagamos a respeito da mesa-redonda e a sua contribuição para a compreensão e interpretação da leitura. Constatamos várias opiniões positivas sobre a aprendizagem, conforme as respostas dos alunos A, B e C:

> ***Aluno A**: Certamente. As diferentes visões e interpretações enriquecem, ampliam o conhecimento e a visão de mundo.*
> ***Aluno B**: Sim, a troca de ideias nos traz maior compreensão e, assim, logicamente maior aprendizagem.*

> ***Aluno C**: Sim, pois todos conversando abertamente sobre o assunto tornam maiores às chances do entendimento de todos* (sic).

Com isso, vimos a relevância de o professor trabalhar com métodos diversificados e inovadores, e o quanto a Sociolinguística contribuiu para demonstrar aos sujeitos inseridos na pesquisa-ação o que agrega em sua reflexão e formação por meio das obras estudadas.

Quando questionados a respeito das contribuições que os textos literários trouxeram para a aprendizagem e se os métodos utilizados foram eficientes para o estudo das obras literárias, tivemos várias opiniões.

> ***Aluno D**: A aceitação da variação linguística e ter absorvido conhecimentos e culturas em que não era de meu conhecimento* (sic).
> ***Aluno E**: De um lado eles têm importância para conhecermos a cultura de determinada região, mas no geral, a linguagem não enriquece no processo de ensino, pois o que é exigido normalmente é uma linguagem rebuscada* (sic).
> ***Aluno F**: Aprendi mais sobre duas situações opostas e de grande sofrimento; de um lado temos a devastadora seca e do outro a enchente que chega destruindo tudo.*

Percebemos que o *Aluno E* tende à valorização da linguagem padrão que costuma ser utilizada em aula, enquanto a variação linguística é vista como uma língua sem proveito e sem utilidade. Com isso, vemos o quanto a língua é estereotipada e cercada de preconceitos que estão arraigados tanto na sala de aula quanto na sociedade como um todo. De acordo com Bagno (1999, p. 43), "o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social". A escola precisa valorizar a língua como um processo de interação social, respeitando a diversidade linguística, porque essa diversidade também é fruto de uma diversidade de falantes.

Gregolin (2007, p. 67), ao observar a discrepância quanto ao uso da língua e suas variações em sala de aula, assinala que "ensinar" língua exige

> [...] uma visão crítica sobre a gramática, entendendo, ao mesmo tempo, o seu papel – enquanto instrumento de preservação de um padrão de língua – e as suas implicações. Com as ideias da sociolinguística, passou-se a exigir a reflexão sobre as diferenças entre o oral e o escrito; sobre os diferentes registros; as diferentes modalidades no uso da língua.

É a partir das contribuições da sociolinguística que o ensino de língua portuguesa ganha outra concepção, que compreende a fala dos sujeitos em interação e suas variações socioculturais. Assim, a ideia de homogeneidade da língua passa a ser entendida como mera ficção, embora existam resistências significativas a esse respeito. Conforme vimos, os livros didáticos quando abordam esse tema é com certo comedimento. Esse tema deve fazer parte do cotidiano da escola e de seus currículos, pois tornar-se leitor e produtor de

textos é saber utilizar a linguagem nas diferentes situações da vida social (GREGOLIN, ibid, p. 68).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é produto de nossa prática docente. Tentamos manter nesse estudo um diálogo constante entre teoria e prática, observando como é possível conciliar os estudos linguísticos e literários em uma perspectiva interdisciplinar. Trata-se de uma pesquisa realizada a partir da leitura e análise de duas narrativas pertencentes ao modernismo brasileiro: *Vidas Secas*, especificamente o seu primeiro capítulo, de Graciliano Ramos (2012) e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* de Bernardo Élis (1975).

Nosso objetivo consistiu, também, em mostrar como é possível o professor levar para as aulas de língua portuguesa uma discussão sobre a injustiça e a exclusão social que afetam diferentes regiões brasileiras, abrindo um leque de possibilidades de se explorar o tema de uma obra literária. Nesse contexto de pesquisa, discutimos sobre as diferenças linguísticas nas obras literárias para que os alunos participantes pudessem entender o quanto nosso país é rico em diversidade linguística, territorial e cultural. Fizemos com que eles compreendessem que essa diversidade não pode dar margem a preconceitos, mas a um entendimento sobre a realidade social do Brasil.

De acordo com Camacho (2013, p. 25), as variedades podem ser diferentes quanto aos mecanismos formais, mas são absolutamente iguais no que diz respeito à função comunicativa. Elas não podem ser um empecilho à interação entre os sujeitos. Muitos professores priorizam o ensino da norma padrão, esquivando-se do ensino das variantes e sua problematização, talvez por falta de conhecimento ou de material didático que explore essa perspectiva no âmbito da sala de aula. Trabalhar com as variantes nas aulas de português pode contribuir para que o aluno possa entender o grau de formalidade de uso da língua e suas exigências, de acordo com a situação em que ele pode estar inserido. Camacho (loc. cit.) observa ainda que "nenhuma língua ou variedade é inerentemente inferior à outra língua ou variedade similar". Nesse caso, para desmitificarmos o que é considerado erro na linguagem, precisamos começar a estudar as diferenças na linguagem, principalmente, na esfera socioeducacional.

Com base na leitura das obras e nas respostas do questionário aplicado, percebemos que ainda há alunos com receio ou preconceito linguístico, idealizando uma língua e menosprezando outra. Isso acontece, talvez, por acreditarem que as variações não têm relevância ou significância no decorrer de sua vida e porque não agregam valor à sua formação escolar. Nossa expectativa é de que essa situação seja revertida, para que possamos extirpar o preconceito linguístico. Portanto, é premente que haja uma formação continuada de professores para que estes se orientem à luz de teorias que superem o que propõem os livros didáticos com os quais trabalham. Acreditamos que reatualização dos conceitos podem tornar o ensino mais produtivo e, em seu esteio, uma sociedade menos preconceituosa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BOSI, Alfredo, 1936. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *PNLD 2018: língua portuguesa - Guia de Livros Didáticos – Ensino Médio*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. 109 p. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/escolha-pnld-2018. Acesso em: 29 set. 2017. p. 40-60.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

ÉLIS, Bernardo. *Caminhos dos Gerais*: contos. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1975.

FARACO, Carlos A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djani Antonucci (org). *A Relevância social da linguística*: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola, 2007.

GREGOLIN, M. R. V. O que quer, o que pode esta língua: teoria linguística, ensino de língua e relevância social. In: CORREA, Djane Antonucci (org.). *A Relevância social da linguística*: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola, 2007. p. 52-77.

MEC. *Guia do Plano Nacional de Livros Didáticos (PNLD - 2018) do Ensino Médio*: Língua Portuguesa. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/escolha-pnld-2018. Acesso em: 29 set. 2017. p. 40-60.

LIMA, Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida; MONTEIRO, Kamila Kátia da Silva; BARRETO, Tatiane. Sentidos de territorialidade em "Nhola dos Anjos e a cheia do

Corumbá" e "Vidas Secas": uma proposta para o ensino de língua e literatura. *Revelli - Revista de Educação, Linguagem e Literatura*. v. 9, n. 1, maio, 2017, p. 36-50, Inhumas, GO, 2017.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 118. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ROBIN, Regine. *História e linguística*. Tradução de Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1987.